

Learning Difficulty of Oral Skills in Regular Education in Public Schools: Primary School Versus High School

Profa. M. Sc. Onete Raulino da Costa¹

<https://orcid.org/0000-0002-1975-7009>

Abstract: This study is north thematic learning difficulty, with its focus on the difficulty of the English language learning by the Portuguese speakers, and discussed the origins of the difficulties in learning this language, the main reasons cited by students and scholars as justification its relevance, emphasizing the difficulty in the seizure of oral skills. a literature review to theoretically support the research information for the last 20 years of English language teaching will be made in Brazilian public schools from Elementary School and High School, as the foreign language teaching (LE) in public schools in our country starting in the sixth year of primary education extending to the third year of high school. The study has the general objective to understand the context of the difficulty of learning a foreign language, and to identify the factors identified as elements that increase the difficulty in the public schools of Brazilian municipalities. As well, as investigate ways that can contribute to building strategies that strengthen the understanding of the importance of these skills for everyday life. The specific objectives are: to understand the LE study in the global context; describe the main difficulties in teaching a foreign language in a regular classroom, highlighting the difficulties of seizure of oral skills, specifically listening; establish strategies to reduce rejection of parts of students to study the oral forms of a foreign language. Therefore, the survey data will be held in place by means of observations in the target institutions (EM Professora Lirêda school- 6th grade A of Elementary school) and (EEFM Professor Plácido Aderaldo Castelo school -3rd year B of High school), the research tool is a questionnaire to the research subjects: teachers of English and students of these classes of schools in the study.

Keywords: English Language. Learning Difficulty. Oral Skills. Regular Education. Public Schools.

1. Introdução

O presente estudo faz uma revisão de literatura sobre dificuldade de aprendizagem. Ressalta-se que trabalhamos a dificuldade de aprendizagem da língua inglesa, apresentam-se alguns estudos que norteiam quais os principais desafios a superar para que um professor consiga trabalhar as habilidades comunicativas: *speaking* e *listening* de modo a desenvolver a proficiência de seus alunos nestas habilidades. Destaca-se uma maior ênfase na dificuldade *listening*. Para obtenção de um resultado mais próximo da realidade será realizada uma pesquisa de campo através da aplicação de um questionário com os docentes e discentes em uma turma do 6º ano A de uma escola municipal de Fortaleza e em uma turma do 3º ano B de escola estadual do Ceará.

A dificuldade de aprendizagem é um tema vasto que tem adquirido importância global, principalmente porque se vive a era do conhecimento, sendo a aprendizagem uma meta de qualquer nação desenvolvida. Destaca-se que este desafio está presente no ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

Observa-se que as dificuldades tão citadas e reconhecidas por profissionais da educação, podem advir de fatores orgânicos ou mesmo emocionais e é importante que sejam descobertas a fim de auxiliar o desenvolvimento do processo educativo, percebendo se estão associadas à preguiça, cansaço, sono, tristeza, agitação, desordem, dentre outros, considerados fatores que também desmotivam o aprendizado do alunato.

Aprender algo novo requer um esforço que, muitas vezes, assusta, levando os aprendizes a uma impressão de impotência, incapacidade. Assim no estudo de uma língua estrangeira, este temor se amplifica, pois o aprendiz se vê diante de uma língua completamente diferente da sua língua materna, o que lhe dá uma sensação de maior dificuldade. E sendo esta língua, a língua inglesa, a aprendizagem parece mais distante, principalmente pelo fato da estrutura de formação desta língua diferir da estrutura da sua língua, o português, deste modo um aprendiz de inglês enxerga um “abismo” entre sua língua e a língua alvo.

Belleboni (1993) afirma que as crianças com dificuldade de aprendizagem não são crianças incapazes, apenas apresentam alguma dificuldade para aprender. Observando o cenário da educação nacional pode-se

¹ Doutoranda em Ciências da Educação na Universidade Del Sol (UNADES); Mestre em Ciências da Educação na Universidade Del Sol (UNADES); Especialista em Abordagem Sistêmica no Contexto Familiar e Comunitário (Faculdade Católica de Fortaleza); Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (Faculdade Integrada da Grande Fortaleza). Curso Superior de Formação Específica em Gestão de Redes Computadores (Universidade Gama Filho); Graduada em Licenciatura em Letras Inglês (UFC); Docente de Inglês na Escola Municipal Santos Dumont.

afirmar que a dificuldade no processo de ensino aprendizagem é uma constante, principalmente na rede pública de ensino onde os recursos são mais limitados.

Segundo Guerra (2002) não se deve confundir incapacidade de aprendizagem com dificuldade de aprendizagem, ideia partilhada pela autora deste estudo, visto que um aprendiz que apresenta dificuldades em determinado conteúdo não necessariamente é incapaz de aprendê-lo. Em muitas situações é necessário apenas detectar o fator gerador desta dificuldade para encontrar uma melhor forma de trabalhar esta limitação.

Por estarmos na era do conhecimento dominar um idioma considerado universal e utilizado amplamente na construção deste conhecimento, é um diferencial. Assim como o estudo de suas habilidades orais vem favorecer o crescimento do entendimento do contexto cultural, visto que o distanciamento ocasionado pelo envolvimento do educando no momento em que ele utiliza uma língua que não seja a sua, de modo geral, vai ajudá-lo a ampliar sua autopercepção como cidadão participativo. No instante em que ele passa a entender o outro e sua alteridade, por meio da aprendizagem de uma língua estrangeira, ele amplia seus conhecimentos sobre si mesmo e sobre um mundo globalizado, caracterizado por valores culturais desiguais e estilos diversos de disposição política e social. (BRASIL, 1998)

É relevante compreender que toda e qualquer dificuldade de aprendizagem é preocupante, visto que pode limitar as possibilidades de aprendizado, além de muitas vezes, ser um fator que leva à sensação de incapacidade. Mas o que pode dificultar a aprendizagem de uma língua estrangeira vai além desta questão, pois envolve uma série de outros fatores como o não entendimento da necessidade de aprender uma língua que não é a usada no país de origem como língua oficial. Nas escolas públicas este entendimento fica ainda mais distante, visto que os alunos dizem que não precisarão saber falar aquela língua, pois não enxergam a possibilidade do seu uso. Perceber a relevância da inserção do ensino de uma língua estrangeira no ensino regular, é primeiramente, reconhecer que isto envolve um processo amplo, no qual tem-se que considerar a possibilidade de expansão dos conhecimentos de mundo do aluno, sem desrespeitar a individualidade de cada um.

Conforme Brasil (1998) a aprendizagem de Língua Estrangeira colabora para o procedimento educacional de modo geral, chegando mais longe do que o domínio de um apanhado de habilidades linguísticas. Conduz a um novo entendimento do caráter da linguagem, amplia a compreensão de como a linguagem atua e possibilita uma maior consciência do procedimento da própria língua materna.

Diante do exposto este estudo tem como objetivo geral: Compreender o contexto da dificuldade de aprendizagem de uma língua estrangeira, bem como identificar os fatores apontados como elementos que elevam esta dificuldade nas escolas públicas dos municípios brasileiros e investigará maneiras que possam contribuir para a construção de estratégias que fortaleçam o entendimento da importância destas habilidades para a vida cotidiana.

Seus objetivos específicos são: Compreender o estudo de LE no contexto global; Descrever as principais dificuldades no ensino de uma LE em sala de aula regular, destacando as dificuldades de apreensão das habilidades orais, mais especificamente de *listening*; Estabelecer estratégias para redução da rejeição por partes dos alunos em estudar as modalidades orais de uma língua estrangeira.

Este artigo ficou estruturado em seis tópicos. No primeiro tópico apresentou-se a introdução com destaque para os objetivos da pesquisa desenvolvida. No segundo tópico desenvolveu-se a fundamentação teórica onde foram compartilhadas as opiniões da pesquisadores e de vários autores que tratam da mesma temática. No terceiro tópico foram apresentados os procedimentos metodológicos. No quarto tópico foram destacados os resultados da pesquisa. No quinto tópico desenvolveu-se uma discussão dos resultados e, por fim, no sexto tópico foram elaboradas as considerações finais.

2. Fundamentação Teórica

O termo dificuldade de aprendizagem começou a ser usado na década de 60 e até hoje - na maioria das vezes - é confundido por pais e professores como uma simples desatenção em sala de aula ou 'espírito bagunceiro' das crianças. Mas a dificuldade de aprendizagem refere-se a um distúrbio - que pode ser gerado por uma série de problemas cognitivos ou emocionais - que pode afetar qualquer área do desempenho escolar. Na maioria dos casos é o professor o primeiro a identificar que a criança está com alguma dificuldade, mas os pais e demais membros da família devem ficar atentos ao desenvolvimento e ao comportamento da criança.

Sobre a participação da família Duarte e Coêlho (2020, p. 09) dizem: "Contudo, escola e família, trabalhando juntos, podem realizar atividades que buscam desenvolver as estratégias de compreensão de leitura e escrita bem como podem contribuir para que o conhecimento prévio seja ativado".

No estudo de língua estrangeira esta dificuldade é percebida constantemente, principalmente ao utilizar a abordagem comunicativa. Desde o final dos anos 70 o mundo vive uma nova fase do capitalismo e da sociedade moderna, em que se destaca a globalização, a qual une mais ainda os povos e as economias tornando-os mais interdependentes. Na cultura vem ocorrendo uma integração mundial, à medida que o planeta está ficando aparentemente menor, no qual a maioria das pessoas se identifica ao assistir a programas semelhantes na

televisão, navegar na internet, etc. Existe certa uniformização de hábitos, atualmente as pessoas comem nas mesmas redes de *fast foods*, vestem os mesmos *jeans*, bebem os mesmos refrigerantes e assistem aos mesmos filmes. Nesse sentido, a língua inglesa atua nesse processo de interdependência por ser a língua mais utilizada na internet, nas transações econômicas, nas marcas de produtos, nos filmes e acima de tudo por ter alcançado um grande domínio como língua internacional.

Rajagopalan (2005) afirmava que que perto de 1,5 bilhões de pessoas no mundo – isto é ¼ da população mundial – já possuía algum conhecimento da língua inglesa e/ou se encontrava em situação de lidar com ela no seu dia-a-dia. “Além do fato de que algo em torno de 80% a 90% da divulgação do conhecimento científico ocorre em inglês”. (RAJAGOPALAN, 2005, p. 149)

Assim vários autores vêm pesquisando a importância do estudo desta língua e as principais dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem. Neste estudo essas discussões serão desenvolvidas por meio de um diálogo com os seguintes autores Brasil (1998), Albino (2013), Azevedo (2014), Bellebone (1993), Correia e Martins (1991), Ferrari e Rubim (2000) Fonseca (2010), Guerra (2002), Rajagopalan (2005) e Silva (2011) que abordam questões como fatores de motivação para a aprendizagem da língua inglesa, papel do aluno e do professor para que aprendizagem aconteça, assim como estratégias que auxiliem na melhoria do aprendizado de uma LE.

2.1 Aprendizagem de uma Língua Estrangeira: Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, Motivações e Desafios

Conforme Brasil (1998) o ato de aprender proporcionado por uma Língua Estrangeira cria uma possibilidade de ampliar a autopercepção do aluno como ser humano participativo. Logo a aprendizagem decorrente deve concentrar-se em planejar ações que levem ao engajamento discursivo do educando, em outras palavras, tem relação direta com a capacidade que a língua estrangeira tem de proporcionar ao aluno elementos educacionais que favorecem o auto engajamento e o engajamento com os seus colegas ampliando as formas de atuar no mundo social.

Conforme Fonseca (2010) as questões teóricas que ancoram os parâmetros de língua estrangeira referem-se à visão sócio interacional da linguagem e da aprendizagem. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) classificam o elemento de ensino quando determinam a função da área de língua estrangeira no Ensino Fundamental mediante a edificação da cidadania. Eles, também, avaliam a relação entre o procedimento de ensinar e aprender língua estrangeira por meio dos temas transversais; consideram os objetivos, os assuntos a serem ensinados e compartilhados e os processos avaliativos.

Araújo e Gomes (2019, p. 03) afirmam que:

O ensino de Língua Inglesa é uma ação que vem ocorrendo há anos, melhor dizendo, há séculos. Há diversos modos de ensino: Escolas de Idiomas (Cursos de Inglês), nos quais o aluno avança em nível, geralmente, de *kids/basic* (básico) até *proficiency* (proficiência); Há o Inglês regular nas escolas, o qual, normalmente, ocorre uma vez por semana e ainda há o Ensino Bilíngue, baseado no *CLIL (Content and Language Integrated Learning)* onde o aluno aprende as matérias escolares em língua Inglesa, com frequência, as disciplinas contempladas com o seu ensino em língua Inglesa são ciências, matemática, artes e educação física.

Considerando o que orienta os PCNs para LE evidencia-se o maior desenvolvimento da habilidade de leitura (*reading*) ao estudar uma nova língua. O documento supracitado ainda justifica a escolha pelo ensino desta habilidade pautado em aspectos como: as condições precárias das escolas públicas brasileiras: mencionando problemas de infraestrutura e elevado número de alunos por sala, além de citar que os professores de línguas estrangeiras da rede pública de ensino como detentores de “pouco domínio das habilidades orais”. (DAY; SAVEDRA, 2015)

Fonseca (2010) faz uma reflexão sobre a visão que os responsáveis pela elaboração de um documento de abrangência nacional têm sobre os profissionais de língua estrangeira no Ensino Fundamental II, já que os mesmos colocam como determinante para a escolha da habilidade leitora a suposição de que os professores de línguas estrangeiras da rede pública de ensino apresentam “pouco domínio das habilidades orais”, fator que contribui para a constituição identitária do professor de língua estrangeira no Brasil.

Realizando uma busca nos arquivos formais do MEC é possível observar que as orientações para o Ensino de Língua Estrangeira, data de 1988, no qual se afirma o ensino de Língua Estrangeira no Brasil indica que a maioria das propostas para o ensino dessa disciplina reflete o interesse pelo ensino da leitura.

2.2 Língua Inglesa: Por Que Aprendê-la?

A importância da língua inglesa em todo o mundo, considerando os aspectos político-econômicos, é mais um incentivo para aprendê-lo e ensiná-lo. Portanto julga-se relevante assinalar que estes aspectos devem fazer parte do planejamento didático do educador.

Como se sabe as línguas estrangeiras atuaram e continuam atuando em momentos geopolíticos em vários momentos da história geral do ser humano (Império Romano: Latim) e de países específicos (o espanhol atualmente no Brasil). Diante desta atuação as línguas estrangeiras específicas afetam, diretamente, a função social dos indivíduos que as dominam, alcançando, inclusive, mais prestígio e tornam-se em mais uma habilidade funcional no cotidiano dos alunos, por isso é que é determinante a inclusão e permanência das línguas estrangeiras específicas nos planos curriculares escolares.

Quando o educador demonstra aos seus educandos como a utilização das línguas estrangeiras específicas nas relações sócio-políticas em todo o mundo é muito importante ele está atuando pedagogicamente. Solicitar que os alunos atuem como etnógrafos em suas práticas sociais, fazendo anotações dos usos de inglês ao mesmo tempo que tomam consciência dos vários países que usam esta língua como língua oficial ou língua materna, parece ser essencial para sua conscientização de aspectos de natureza sociopolítica relacionados à aprendizagem dessa língua. (BRASIL, 1998)

O levantamento de países que usam o inglês como língua materna e/ou língua oficial só nas Américas (Barbados, Belize, Canadá, Dominica, Estados Unidos, Guiana, Granada, Jamaica, Santa Lúcia, Trinidad e Tobago etc.) pode ser, portanto, útil nessa conscientização. (BRASIL, 1998)

Souto, Rabêlo, Mota e Gomes (2019, p. 05) asseguram que:

Assim, dentro do processo de aprendizagem podemos considerar a língua estrangeira como um canal para imersão e acesso a outros mundos e culturas, [...], além de contribuir para despertar nos educandos o gosto pela leitura, desenvolver senso crítico, possibilitar contato com culturas diferentes bem como transformar a sala de aula num ambiente leve e prazeroso para a aquisição e troca de conhecimento.

Ferrari e Rubin (2000) em seu livro *Inglês*, iniciam a introdução com o seguinte questionamento: Por que aprender inglês? As autoras dão as seguintes justificativas: Porque o inglês é a língua internacional mais importante no mundo. Alguns fatos provam isto: O inglês é o idioma internacional das viagens aéreas e marítimas, da computação, da música pop, da política, da ciência e da medicina, esportes, TV e filmes.

Elas ainda afirmam que hoje o mundo é um lugar muito pequeno. Comunicações e viagens são extremamente rápidas. Assim é essencial que se tenha uma língua comum, e esta língua é o inglês. Além do inglês ser a primeira língua na Austrália, Bahamas, Canadá, Guiana, Irlanda, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos. Sendo a segunda língua oficial de muitos outros países, como Índia, Nigéria, África do Sul, Israel, dentre outros. Mas apesar de todos estes elementos motivadores de seu estudo ainda existem várias dificuldades de aprendizagem desta língua alvo.

2.3 Dificuldade de Aprendizagem da Língua Inglesa

A dificuldade de aprendizagem de qualquer disciplina é percebida à medida que nos deparamos com alunos que demonstram não acompanhar o conteúdo ministrado. Segundo Albino (2013) muitas pessoas tem dificuldade em aprender a Língua Inglesa. Tais dificuldades originam-se por diversos motivos. Uma destas razões é o ensino tardio do idioma. As pessoas deveriam iniciar o estudo do inglês ainda quando crianças, antes dos 10 anos, pois esse é o período do processo de aquisição de vocabulário e linguagem. Outro fator que pode dificultar a aprendizagem é a falta de convivência com o idioma. As pessoas, normalmente, têm aulas de inglês, mas fora da sala de aula, não têm nenhum contato com a língua.

Percebe-se que é natural ao ser humano o receio do erro. Muitos deixam de tentar, pelo medo de errar. Diante disto é muito comum que haja um maior desenvolvimento das habilidades de leitura (*reading*) e escrita (*writing*), deixando a desejar as habilidades de compreensão (*listening*) e conversação (*speaking*), pois têm vergonha de falar (e errar). Por isso, muitos colocam em seus currículos: escreve e lê bem, fala e compreende pouco. No entanto, sabe-se que para obter fluência em inglês, as quatro habilidades devem estar muito bem desenvolvidas, e na mesma proporção.

Conforme Correia e Martins (1991) nos últimos 20 anos o número de alunos com dificuldade de aprendizagem (DA) aumentou consideravelmente. Em sua pesquisa Fonseca (2010) entrevistou 14 professores de língua inglesa e penas o sujeito I nomeou sua opção pela abordagem comunicativa. O que evidencia que há realmente uma maior dificuldade em trabalhar esta abordagem. Os demais relataram o uso de músicas, e algumas formas de trabalhar as habilidades orais.

A autora supracitada concluiu seu estudo trazendo questões relevantes para os docentes de língua inglesa. “Como é o seu fazer em língua Inglesa? É um fazer que tem tempero? Tem cheiros? Tem aromas? Rem gestos? Permite-se mostrar-se em suas etapas de ação?” Afetividade, cultura, criatividade, ludicidade, interdisciplinaridade. São Esses os ingredientes da minha grande refeição. Entender-me com a cozinha me faz entender-me com a profissão de ser professora. Professora de Língua Inglesa, aquela que precisa buscar muitos mais ingredientes para poder fazer valer o momento de ensinar. Achar o endereço, o caminho do sal e depois saber dosá-lo, este é o grande desafio daquele que prepara algo, seja para comer ou degustar, seja para aprender e ensinar. Assim é o caminho do professor de Língua Inglesa na minha leitura fenomenológica.

Sousa, Oliveira e Martins (2020, p. 06) ressaltam que: “Cabe a nós [professores], para além de apontar as dificuldades, mostrar que para grande parte delas, já existem propostas que podem melhorar a conjuntura social, estrutural e pedagógica no que concerne ao aprendizado do idioma”.

Analisando a literatura é imperativo a necessidade de uma formação continuada para que o fazer pedagógico alcance nossos alunos. Para que haja um encontro harmônico entre docentes e discentes faz-se necessário que ambos deem os passos necessários para que o aprendizado aconteça efetivamente.

3. Metodologia

O estudo foi do tipo documental, descritivo e retrospectivo e realizado em duas etapas: a revisão da literatura que fundamenta teoricamente a pesquisa a partir de uma busca criteriosa em artigos, livros e sites de instituições que trabalham o tema dificuldade de aprendizagem, mais especificamente a dificuldade de aprendizagem da língua inglesa, enfatizando o maior desafio de abordagem das habilidades orais (*listening* e *speaking*), com destaque para a habilidade de *listening* pelo fato desta habilidade ser a de mais difícil apreensão por parte dos aprendizes, no período dos últimos 20 anos, seguida da investigação a partir do preenchimento de questionário específico para a coleta dos dados baseados nas respostas dos discentes e docentes pesquisados.

A coleta de dados foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2016, na Escola Municipal Lirêda Facó e na Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Plácido Aderaldo Castelo, ambas em Fortaleza – CE. A população estudada se constituiu de alunos do sexto ano A do EF e do terceiro ano C do EM, além de docentes da rede municipal de ensino de Fortaleza e da rede estadual do Ceará, no período de janeiro a junho de 2016. Foram analisados 27 (vinte e sete) questionários de alunos do EF II, dos quais e 30 questionários de alunos do EM.

A coleta de dados foi feita através da análise das respostas dos questionários dos discentes das duas escolas pesquisadas. Estes questionários constituíam-se de três partes, na primeira analisou-se os dados dos pesquisados como idade, formação acadêmica, série na qual estavam matriculados, na segunda os alunos foram questionados se as aulas de inglês são interessantes e úteis, se conseguem ver uso do que aprendem em sala no cotidiano, se gostam de estudar as habilidades comunicativas *speaking* e *listening*, se consideram difícil entender os *listening* nas aulas, se preferem as habilidade de *writing* e *reading* às de *listening* e se procuram entender o que é dito nos áudios e se conseguem. Na terceira havia três questões abertas de modo que eles expressassem livremente suas opiniões.

Para os docentes foi aplicado um questionário similar aos dos alunos. Também constituído de três partes, na primeira, analisou-se os dados dos pesquisados como idade, formação acadêmica, séries nas quais lecionavam. Na segunda analisou-se os professores objetivavam despertar o interesse dos alunos nas aulas de Inglês com aulas interessantes e contextualizadas com a realidade dos alunos, se seus planejamentos consideram as dificuldades diagnosticadas nas aulas, se trabalham proporcionalmente as quatro habilidades, se traziam áudios mais acessíveis para as aulas de *listening* e se aplicavam atividades diferenciadas para os alunos com dificuldades. Na terceira havia quatro questões abertas de modo que eles expressassem livremente suas opiniões sobre as dificuldades e estratégias em relação ao ensino de língua inglesa. Os dados foram categorizados e registrados em formulário elaborado pela autora.

4. Resultados

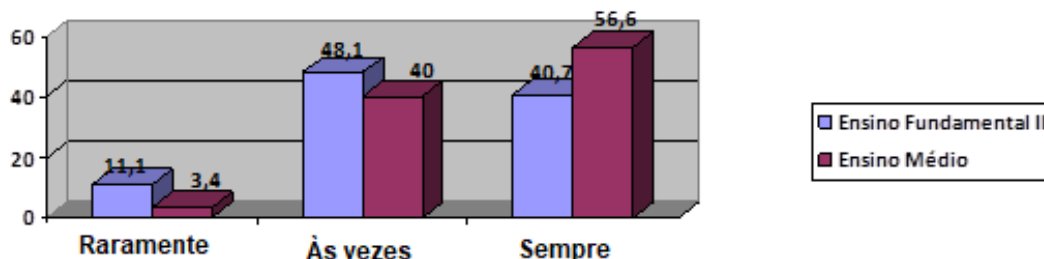
Dos 27 alunos do EF II pesquisados, pode-se verificar que 17 eram do sexo masculino, e 10 do feminino, correspondendo a 63% e 37% dos alunos, respectivamente. A idade dos alunos variava de 11 a 14 anos. Dos alunos pesquisados 10 tinham 11 anos (37%), 10 tinham 12 anos (37%), 04 tinham 13 anos (14,8%) e 03 tinham 14 anos (11,2%). Ficando claro que a maioria encontrava-se na faixa etária correta para a 6ª série. Observou-se ainda que os alunos fora de faixa eram alunos repetentes. Assim o tempo destes alunos na instituição de ensino era de 01 ano em sua maioria, 25 deles (92,5%) já que a escola inicia com EF II.

Enquanto dos 30 alunos do EM pesquisados, pode-se verificar que 18 eram do sexo feminino e 12 do masculino, correspondendo a 60% e 40% dos alunos, respectivamente. A idade dos alunos variava de 15 a 19 anos. Dos alunos pesquisados 17 tinham 17 anos (56,6%), 09 tinham 18 anos (30%), 03 tinham 19 anos (10%) e 01 tinha 15 anos (3,4%). É notório que a maioria encontrava-se na faixa etária correta para a 3ª série. Observou-

se ainda que a maioria deles 19 (63,3%) estudava na instituição há 03 anos, sendo o quadro esperado que eles cursassem os três anos do EM na mesma escola.

Os dados mostraram que dos 27 alunos do EF II 13 (48,1%) afirmaram que consideram as aulas de inglês interessantes e úteis às vezes e que nenhum aluno afirmou nunca considerar as aulas de inglês interessantes e úteis. Para os alunos do EM os dados mostraram que dos 30 alunos do EM, 17 (56,6%) afirmaram que consideram as aulas de inglês interessantes e úteis sempre e assim como no EF II Nenhum aluno afirmou nunca considerar as aulas de inglês interessantes e úteis. (Gráfico 1)

Gráfico 1. Aulas de Inglês Interessantes e Úteis (Questionário do Aluno, 2016).



Fonte: Dados da Pesquisadora

Dos 27 alunos do EF II, 18 (66,7%) afirmaram ver uso do que aprendem nas aulas de inglês às vezes. Observou-se que 06 alunos (22,2%) afirmaram ver uso do que aprendem nas aulas de inglês sempre, e 02 (7,4%) afirmaram ver uso do que aprendem nas aulas de inglês raramente e 01 (3,7%) afirmou nunca ver uso do que aprende.

Enquanto dos 30 alunos do EM, 18 (60%) afirmaram ver uso do que aprendem nas aulas de inglês às vezes. Observou-se que 06 alunos (20%) afirmaram ver uso do que aprendem nas aulas de inglês raramente, e 06 (20%) afirmaram ver uso do que aprendem nas aulas de inglês sempre.

A Tabela 1 demonstra que dos 27 alunos do EF II 16 (59,2%) afirmaram gostar de estudar as habilidades comunicativas *Speaking* e *Listening* às vezes. Ressalta-se que nenhum aluno afirmou não gostar de estudar estas habilidades. Destaca-se que a maioria dos alunos do EM também manifestaram gostar de estudar estas modalidades às vezes, ou seja, dos 30 alunos pesquisados, 15 (50%). Houve um número expressivo que afirmaram gostar de estudá-las sempre 12 (40%). Ressalta-se 01 (3,4%) afirmou não gostar de estudar estas habilidades.

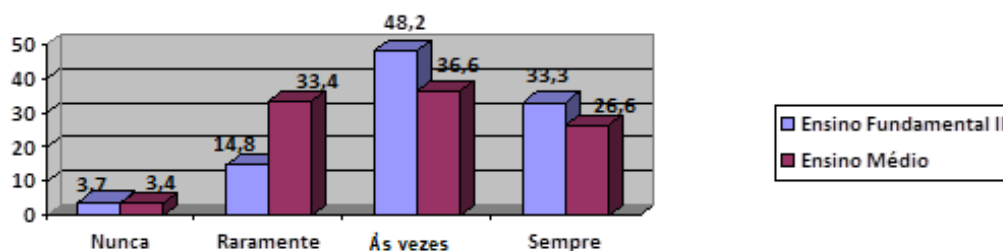
Tabela 1. Gosto de estudar as habilidades de *Speaking* e *Listening*

Ensino Fundamental II						Ensino Médio							
Raramente	%	Às vezes	%	Sempre	%	Nunca	%	Raramente	%	Às vezes	%	Sempre	%
03	11,1	16	59,2	08	29,6	01	3,4	02	6,6	15	50	12	40

Fonte: Dados da Pesquisadora

Quando questionados se consideravam difícil entender os *listening* nas aulas de inglês os alunos do EF II, 08 (29,6%) disseram que às vezes, 08 (29,6%) disseram que raramente, 06 (22,3%) disseram que nunca consideram os *listening* difíceis e 05 (18,5%) disseram que sempre consideravam difícil compreender os *listening*.

Enquanto que dos alunos 30 alunos do EM, 23 (76,6%) disseram que às vezes, 05 (16,7%) disseram que raramente acham os *listening* difíceis e 02 (6,7%) disseram que nunca consideram os *listening* difíceis. Destaca-se que nenhum aluno afirmou considerar difícil entender os *listening* sempre. O Gráfico 2 apresenta as respostas dos alunos quanto a frequência que preferiam as habilidades de *writing* e *reading* às de *listening*.

Gráfico 2. Preferência pelas habilidades de *Writing* e *Reading* às de *Listening* (Questionário do Aluno, 2016).

Fonte: Dados da Pesquisadora

Observa-se que dos 27 alunos do EF II, um número expressivo, 13 (48,2%) deles responderam que às vezes preferiam estas habilidades, 09 (33,3%) responderam preferir sempre estas habilidades, e 01 (3,7%) afirmou nunca preferir estas habilidades. Enquanto que dos 30 alunos do EM 11 (36,6%) deles responderam que às vezes preferiam estas habilidades, 10 (33,3%) responderam preferir raramente estas habilidades, 08 (26,6%) deles afirmaram preferir sempre estas habilidades e apenas 01 (3,4%) afirmou nunca preferir estas habilidades.

Ao serem questionados se procuravam entender o que é dito nos áudios e se geralmente conseguiam, dos 27 alunos do EF II 10 (37%) deles afirmaram que entendiam às vezes, 7 (25,9%) conseguiam entender sempre, 06 (22,3%) deles afirmaram que raramente entendiam os áudios e 04 (14,8%) afirmaram nunca entender os áudios. Enquanto que dos 30 alunos do EM 17 (56,6%) deles afirmaram que entendiam às vezes, 06 (20%) conseguiam entender sempre, 05 (16,7%) deles afirmaram que raramente entendiam os áudios e 02 (6,7%) afirmaram nunca entender os áudios.

Na segunda parte da pesquisa os alunos responderam a três perguntas abertas. 11) Quais as dificuldades em aprender inglês na escola pública? 12) O que você considera importante para que o aluno aprenda a se comunicar na língua inglesa? e 13) Para você o que facilitaria o aprendizado da habilidade de *listening* (escuta) na escola? A tabela 2 traz as principais respostas dadas pelos alunos do Ensino Fundamental II e os do Ensino Médio a pergunta 11.

Tabela 2. Dificuldades em aprender inglês na escola pública

Nível de Ensino	Principais respostas	Número de alunos	%
Ensino Fundamental II	- Muito diferente do português.	12	44,4%
	- Falta de estrutura física.	10	37%
	- Nenhuma, o que dificulta é o barulho na sala de aula que prejudica o entendimento.	8	29,6%
	- Acústica ruim.	6	22,3%
	- Falta de disciplina e dispersão em sala de aula porque são poucos os alunos que querem aprender. Não havendo colaboração entre os colegas, devido ao desinteresse.	10	33,4%
Ensino Médio	- Carga horária reduzida (apenas uma aula). Dificulta o aprofundamento, devido à necessidade de aulas compactas e objetivas.	8	23,3%
	- Dificuldade na pronúncia.	5	16,6%
	- Falta de professor (mudanças constantes).	2	6,7%
	- Pouca interatividade nas aulas e falta de criatividade.		

Fonte: Dados da Pesquisadora

Em relação pergunta 12 os alunos do EF II deram as seguintes respostas: I) Interesse do aluno (11 deles, representando 40,7%); II) Gostar do idioma (7 deles, representando 25,9%); III) Tudo é importante para se aprender este idioma (3 deles, representando 11,2%); IV) Para quando precisar fazer uma viagem para um país que fala inglês possamos nos comunicar, entender e sermos entendido, ou para fazer uma prova ou outra coisa (3 deles, representando 11,2%); V) Prestar a atenção nas aulas e praticar (1 deles, representando 3,7%).

Enquanto os alunos do EM deram as seguintes respostas: **a)** O interesse do aluno em aprender e se dedicar, força de vontade para pesquisar e estudar, visto que o inglês não é de difícil acesso (9 deles, representando 30%); **b)** Porque o inglês é uma língua universal, sendo muito importante fala-la (7 deles, representando 23,3%); **c)** A prática, aprender na escola e treinar em casa é essencial porque quando não se pratica, esquece-se (7 deles, representando 23,3%); **d)** Porque em nosso mundo pós-globalizado, a língua

inglesa domina o cenário comercial, sendo a língua a língua da contemporaneidade mais falada do mundo, sendo necessária para a vida além do mercado de trabalho exigir este conhecimento e para passar no vestibular (5 deles, representando 16,6%); e) Imersão na língua, por meio de filmes, vídeos, músicas, quadrinhos, além de diálogos com o professor e colegas (3 deles, representando 10%); f) Ampliar a carga horária (ser duas aulas) (2 deles, representando 6,6%) e g) Professores habilitados ao Ensino da Língua (1 deles, representando 3,7%) . A Tabela 3 apresenta as principais respostas dadas pelos alunos do Ensino Fundamental II e os do Ensino Médio a pergunta 13.

Tabela 3. O que facilitaria o aprendizado da habilidade de *listening* na escola?

Nível de Ensino	Principais respostas	Número de alunos	%
Ensino Fundamental II	- Uso de filmes, músicas e vídeos	10	37%
	- Trazer áudios de músicas e filmes mais lentos.	9	33,4%
	- Ter uma estrutura mais adequada para que se consiga ouvir os áudios e o que é dito pelo professor.	6	22,2%
	- Boa pronúncia do professor.	1	3,7%
Ensino Médio	. Trabalhar com músicas Pop internacionais, filmes, jogos e aplicativos.	13	43,3%
	- O professor deveria pelo menos uma vez por mês trazer músicas e vídeos. Áudios interessantes para trabalhar o significado e a pronúncia.	3	10%
	- Melhor ambiente escolar, com mais disponibilidade dos materiais necessários, uma melhor qualidade nas aulas, também reforçada com aulas de revisão para uma melhor fixação.	3	10%
	- Aulas diferentes e com mais interações, mais dinâmicas e divertidas.	3	10%
	- Ler bastante, tentar escutar sem legenda filmes e músicas e só depois ver a tradução. Trabalhar o ensino da escuta a partir de filmes de preferência de fácil vocabulário e dificultar com o passar do tempo	3	10%
	- Ampliar a carga horária.	2	6,6%
	Maior envolvimento do professor com aluno e o professor cobrar mais a pronúncia dos alunos.	2	6,6%

Fonte: Dados da Pesquisadora

O Quadro 01 apresenta alguns dados dos docentes pesquisados.

Quadro 01 – Sujeitos da Pesquisa - Docentes

SUJEITOS	ANO GRADUAÇÃO	FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO COMO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA	DOCÊNCIA DE LÍNGUA INGLESA
SUJEITO A	2009	Graduação em Letras – Português e Inglês (Universidade Estadual Vale do Acaraú) e Especialização em Psicopedagogia (Universidade Estadual do Ceará).	Desde 2009	Escola particular - Ensino Fundamental II, Escola Municipal de Fortaleza -

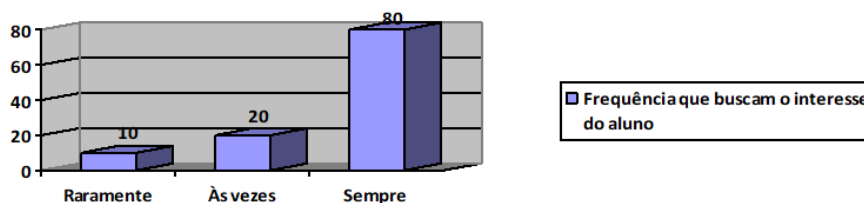
				Ensino Fundamental I e EF II.
SUJEITO B	1997	Graduação em Letras – Português, Inglês e Literatura (Universidade Federal do Ceará) e Especialização em Gestão Escolar (Universidade Estadual do Ceará).	Desde 2001 Fundamental II (2001 a 2016) Ensino Médio (2005 a 2013) Ensino	Curso Particular de Inglês, Escola Municipal de Fortaleza -Ensino Fundamental II e Escola Estadual do Ceará - Ensino Médio
SUJEITO C	2000	Graduação em Letras – Português (Universidade Federal do Ceará) com curso de Inglês no IBEU.	Desde 2000	Escola Municipal de Fortaleza - Ensino Fundamental II e Escola Estadual do Ceará – Ensino Médio.
SUJEITO D	2015	Graduação em Letras – Inglês (Universidade Federal do Ceará) e Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (Faculdade Integrada da Grande Fortaleza).	Desde 2014	Escola Municipal de Fortaleza - Ensino Fundamental II
SUJEITO E	2015	Graduação em Letras – Português e Inglês (Faculdade Integrada da Grande Fortaleza) e Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (Faculdade Integrada da Grande Fortaleza).	Desde 2014	Curso Particular de Inglês, Escolar Particular Ensino Fundamental I e II e Escola Municipal de Fortaleza - Ensino Fundamental II.
SUJEITO F	2016 (março/2016)	Graduação em Letras – Inglês (Universidade Federal do Ceará).	Desde 2012	Escola Municipal de Caucaia – Ensino Fundamental II e Escola Estadual do Ceará – Ensino Médio.
SUJEITO G	2014	Graduação em Letras – Inglês (Universidade Federal do Ceará) e Especialização em Ensino de Língua Inglesa (Prominas).	Desde 2013	Escola Municipal de Fortaleza – Ensino Fundamental II e Escola Estadual do Ceará – Ensino Médio. Tutor a Distância do IFCE (Curso de Inglês)
SUJEITO H	2016 (Último semestre – colação prevista para dezembro).	Graduação em Letras – Inglês (Universidade Federal do Ceará).	Desde 2013	Escola de Ensino Fundamental e Médio do Ceará – Fundamental II e Ensino Médio.
SUJEITO I	2014	Graduação em Letras – Inglês (Universidade Federal do Ceará) e Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (Faculdade Integrada da Grande Fortaleza).	Desde 2012	Escola Municipal de Caucaia -Ensino Fundamental II e Escola Municipal de Fortaleza.

SUJEITO J	2015	Graduação em Letras – Inglês (Universidade Federal do Ceará).	Desde 2012	Curso Particular de Inglês, e Escola Municipal de Fortaleza -Ensino Fundamental II.
-----------	------	---	------------	---

Fonte: Dados da Pesquisadora

O Gráfico 3 apresenta a frequência que os professores objetivam despertar o interesse dos alunos nas aulas de Inglês com aulas interessantes e contextualizadas com a realidade deles.

Gráfico 3. Frequência que objetivam despertar o interesse dos alunos para as aulas de Inglês (Questionário do Professor, 2016)



Fonte: Dados da Pesquisadora

Quando questionados se traziam materiais diferentes para facilitar o aprendizado, buscando expor a matéria relacionando com algo que possa ser explorado no cotidiano pelo aluno, dos 10 professores 5 (50%) afirmaram fazê-lo sempre, 4 (40%) afirmaram fazê-lo às vezes e 1 (10%) afirmou fazê-lo raramente. Destaca-se que nenhum professor afirmou nunca levar materiais diferentes. A Tabela 4 apresenta as respostas dos docentes as perguntas 07, 08, 09 e 10.

Tabela 4. Frequência com que os docentes realizam as ações.

Questão	Nunca		Raramente		Às vezes		Sempre	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Realizo o planejamento das atividades em cima das dificuldades percebidas durante as aulas.	-	-	01	10%	-	-	09	90%
Procuro trabalhar proporcionalmente as habilidades de <i>writing</i> , <i>reading</i> , <i>speaking</i> e <i>listening</i> .	-	-	01	10%	04	40%	05	50%
Realizo o planejamento das aulas de <i>listening</i> utilizando como material de apoio áudios mais acessíveis aos alunos.	-	-	04	40%	05	50%	01	10%
Identifico os alunos com maiores dificuldades nos descritores trabalhados e realizo atividades diferenciadas para os mesmos.	01	10%	02	20%	06	60%	01	10%

Fonte: Dados da Pesquisadora

A terceira parte da pesquisa com os docentes foi constituída das seguintes perguntas: 11) Quais dinâmicas/estratégias você utiliza em sala de aula para facilitar o aprendizado do aluno nas habilidades comunicativas *Speaking* e *Listening*? 12) A que você atribui as dificuldades em trabalhar o *listening* nas turmas de ensino regular? 13) Quais são as principais causas para o insucesso na disciplina de Inglês, associadas aos alunos? e 14) Para você o que poderia motivar o aluno a estudar a habilidade de *listening*? Apresentamos a seguir as respostas dos docentes pesquisados:

Sujeito A: 11) Tanto para *speaking* quanto *listening* trabalho com imagens para que eles relacionem com as palavras e letras de música. 12) Eles levam na brincadeira a língua estrangeira, acredito que por não ser reprovativa, acham engraçada e se sentem envergonhados em falar outro idioma. 13) Acredito que por eles veem como sendo uma matéria não reprovativa e não terem o hábito de estudar em casa e acharem que podem pesquisar. 14) Se esta habilidade fosse trabalhada em todas as aulas se tornaria um hábito para eles.

Sujeito B: 11) Uso de dramatizações para que eles compreendam melhor. 12) Ao número excessivo de alunos, a falta de material adequado e tempo reduzido de aula. 13) Número excessivo de alunos. Falta de importância dada a disciplina nos órgãos de orientação educacional e na secretaria de educação. Falta de ambiente e material adequado, falta de recursos para dinamizar as aulas. 14) Trabalhar a compreensão da necessidade do idioma.

Sujeito C: 11) Procuo sempre incentivar a pronuncia das palavras e diálogos propostos, mesmo com a resistência de alguns. 12) Acredito que a falta de estrutura das escolas por não ter um laboratório especializado, mas procuro as vezes usar o cd do livro e outros recursos apesar da dificuldade que temos na realidade das escolas. 13) Falta de interesse de alguns por achar que é difícil o que não é claro pois o inglês é muito prazeroso e dinâmico e muitos alunos adoram e tem muito interesse. 14) Um laboratório específico ou um equipamento que os motivassem a escutar mais o inglês.

Sujeito D: 11) Speaking Utilizo repetição em dos vocábulos escritos no quadro após a apresentação do vocabulário novo. Listening: Utilizo alguns materiais extras como músicas. 12) Falta de contato dos alunos com este tipo de atividade. 13) O contexto social de muitos faz gera falta de interesse dos mesmos. 14) Atividades atreladas a coisas que estão presentes no cotidiano dos alunos, sempre buscando saber quais as zonas de interesse dos mesmos.

Sujeito E: 11) Na habilidade de speaking, desenvolvo atividades de role play, colocando assuntos do dia a dia para que o aluno possa interagir socialmente, e na de listening procuro levar aplicativos que tenham notícias reais em inglês e músicas que tenham assuntos relacionados as aulas ministradas. 12) A falta de interesse por parte dos alunos, pois percebo que os mesmos só se interessam quando colocamos músicas que sejam dos seus interesses. 13) Muitos falam que não precisam do inglês em suas vidas e que não é uma disciplina que reprova. 14) Sempre levar assuntos, tais como músicas, entrevistas com personalidades famosas, seriados que estejam inseridos na realidade social dos alunos e que estejam na mídia.

Sujeito F: 11) Utilizo textos e áudios extras onde os alunos podem interagir com outros alunos e comigo, nessas atividades eles podem tirar dúvidas quanto a pronuncia e aprimorar o listening, utilizo também áudios onde os alunos devem ouvir e completar a folha (que entrego a eles com espaços em branco) com palavras ou frases que estão faltando. 12) Atribuo ao fato de termos pouco tempo em sala de aula, que varia de 50 minutos a 1 hora e 40 minutos, e em algumas escolas tem carência de material multimídia. 13) O fato dos alunos não valorizarem está associado a eles acharem que a disciplina não é importante, mas acredito que esse pensamento é baseado devido à falta de recursos, pois desde o início eles percebem a carência de material e associam que se a disciplina não tem a atenção da gestão é porque a mesma não vai contribuir na vida social do aluno. 14) Acredito que se eles pudessem vivenciar pessoas dialogando em um segundo idioma isso poderia despertar o interesse deles. Assim aconteceu comigo, me apaixonei pela língua inglesa ao ouvir uma amiga minha conversando com um americano, fiquei encantada daí surgiu em mim um desejo de conhecer a língua inglesa, apesar de eu estudar a língua inglesa na escola eu não tinha nenhum interesse, pois como mencionei anteriormente a escola onde eu estudava não disponibilizava material e a minha professora de inglês não sabia nada, a formação dela era português e pra complementar a carga horaria ela pegava inglês sem ser capacitada.

Sujeito G: 11) Utilizo algo relacionado ao cotidiano dos alunos, onde eles poderão usar em casa, na escola ou em algo que eles fazem diariamente. 12) A falta de interesse dos alunos. 13) Além da dificuldade com a língua, a falta de interesse dos alunos e a precariedade das escolas, onde não oferecem suporte ao professor para tentar fazer com que os alunos se interessem e possam aprender a falar, ler, escrever e ouvir em inglês. 14) Músicas, filmes etc. e tudo aquilo que seja acessível ao aluno e que ele possa praticar no dia a dia.

Sujeito H: 11) Dinâmicas que abordem temas de interesse dos alunos, e situações práticas do cotidiano de vida deles, como por exemplo, para ensinar simple past costumo trabalhar flashcards com imagens de pessoas executando atividades diárias, isso desperta a atenção pois é algo que eles vivem. Ler o rótulo de uma embalagem, lembro de uma atividade que trabalhei recentemente que era o estudo do vocabulário presente em bilhetes de passagem internacional, e ao final de tudo eles tiveram de produzir os seus próprios bilhetes, utilizando o vocabulário aprendido durante as aulas, foi bem interessante. 12) Primeiramente, já existe um mito de que no ensino regular não se aprende inglês, não se aprende falar inglês. Segundo os alunos, a única coisa que aprendem é o verbo “to be”, mas ao se lançar o simples desafio para que conjuguem o verbo no presente

simples, 97% não o faz. Os alunos já chegam nas séries mais avançadas com uma barreira que na maioria das vezes intensifica-se pelo filtro afetivo, falta de estímulos, ansiedade, medo, entre outras questões sociais que interferem no aprendizado de língua inglesa como segunda língua. Sendo assim os alunos não têm intimidade com as palavras em inglês, simplesmente porque não têm o hábito de adaptar o ouvido desde cedo. 13) A maior causa do insucesso pode ser atribuído à falta de estímulos para aprender o idioma, a falta de percepção da necessidade de aprendizagem, não só para tirar boas notas e passar de ano, mas também, ter uma visão global sobre a cultura que está relacionada com aquela língua. 14) Atividades que possam relacionar o contexto no qual eles estão inseridos, atividades que possam mostrar na prática algo que eles simpatizem, como por exemplo, a cultura de rua, o hip-hop, grafiti. Se for levado uma atividade contextualizada com estes temas para sala de aula de escola pública, a maioria irá gostar porque é algo que está relacionado com a situação de vida deles. Então um áudio que fala da vida do MC "fulano" pode ajudar a prender a atenção do estudante que se identifica com aquele tema.

Sujeito I: 11) *Speaking* uso diálogos para ser trabalhados. *Listening* uso músicas e letras de músicas para serem completadas. 12) A falta de paciência dos alunos faz com que eles não tenham interesse em escutar. A grande dificuldade em passar o áudio em uma sala com mais de 30 alunos. 13) Falta de motivação, interesse e de perspectiva de melhora da sua qualidade de vida. 14) Trabalhar com músicas internacionais de artistas que eles gostem, porém a realidade de gosto musical dos alunos é outra, geralmente funk. Poucos são os alunos que conhecem e escutam músicas de artistas internacionais.

Sujeito J: 11) Áudios disponíveis nos materiais didáticos, músicas, vídeos de interesse dos alunos. 12) Tempo insuficiente e falta de interesse dos alunos. 13) Tempo insuficiente, salas cheias e falta de interesse e background dos alunos. 14) Demonstrar a importância do domínio da segunda língua, ampliar a visão dos alunos com relação às perspectivas de vida e identificar e trabalhar as dificuldades particularmente.

5. Discussão

Após analisar os 57 questionários dos alunos (27 EF II e 30 EM) e os 10 questionários dos professores referentes ao período mencionado chegou-se à construção dessas informações sobre as dificuldades de aprendizagem nas escolas regulares estudadas.

Observa-se a partir dos dados que há uma maior prevalência as habilidades leitura e de escrita as de *listening*, confirmando o que é censo comum na literatura. Mas os dados também demonstram que a maioria dos alunos veem uso do que aprendem nas aulas de inglês, uma vez que dos 27 do EF II, 18 (66,7%) afirmaram ver uso do que aprendem às vezes, sendo esta também a resposta da maioria dos alunos do EM, dos 18 (60%).

Contrariando a muitas pesquisas a maioria dos alunos pesquisados, dos 27 do EF II 16 (59,2%) afirmaram gostar de estudar as habilidades comunicativas *Speaking* e *Listening* às vezes e dos 30 alunos do EM 15 (50%) também.

Ao analisar os dados referentes ao foco desta pesquisa, as dificuldades em trabalhar os *listening* em sala de aula regular dos alunos do EF II, 08 (29,6%) disseram que às vezes consideravam difícil entender os *listening*, 08 (29,6%) disseram que raramente, 06 (22,3%) disseram que nunca consideram os *listening* difíceis e 05 (18,5%) disseram que sempre consideravam difícil compreender os *listening*. Enquanto que dos alunos 30 alunos do EM, 23 (76,6%) disseram que às vezes, 05 (16,7%) disseram que raramente achavam os *listening* difíceis e 02 (6,7%) disseram que nunca consideram os *listening* difíceis. Destaca-se que nenhum aluno afirmou considerar difícil entender os *Listening* sempre.

Outra questão que tratava diretamente sobre o entendimento dos áudios nas atividades de *listening*, na qual ao serem questionados se procuravam entender o que é dito nos áudios e se geralmente conseguiam, dos 27 alunos do EF II 10 (37%) deles afirmaram que entendiam às vezes, 7 (25,9%) conseguiam entender sempre, 06 (22,3%) deles afirmaram que raramente entendiam os áudios e 04 (14,8%) afirmaram nunca entender os áudios. Enquanto que dos 30 alunos do EM 17 (56,6%) deles afirmaram que entendiam às vezes, 06 (20%) conseguiam entender sempre, 05 (16,7%) deles afirmaram que raramente entendiam os áudios e 02 (6,7%) afirmaram nunca entender os áudios.

Os dados supracitados chamam a atenção, pois os alunos que afirmaram compreender os áudios são bem expressivos, o que aponta para uma mudança de paradigma e uma expectativa de um melhor equilíbrio entre o ensino-aprendizagem das quatro habilidades. Além de uma esperança de que a habilidade de *listening* não figure como a habilidade de mais difícil apreensão em um futuro próximo.

Ao serem questionados sobre quais as dificuldades em aprender inglês na escola pública, a principal resposta dos alunos do EF II foi: Muito diferente do português (12, representando 44,4%) o que é completamente compreensível já que a turma pesquisada é do 6º ano que é a série inicial do inglês na escola pública. Já os alunos do EM apresentaram como principal causa da dificuldade: Falta de disciplina e dispersão

em sala de aula porque são poucos os alunos que querem aprender, não havendo colaboração entre os colegas devido o desinteresse (10, representando 33,4%).

Os alunos do EF II apontaram como o fator mais relevante para que o aluno aprenda a se comunicar na língua inglesa o interesse do aluno (11 deles, representando 40,7%) e os do EM também apontaram o interesse do aluno em aprender e se dedicar, força de vontade para pesquisar e estudar, visto que o inglês não é de difícil acesso (9 deles, representando 30%).

Os alunos do EF II afirmaram para eles o que facilitaria o aprendizado da habilidade de *listening* (escuta) na escola seria o uso de filmes, músicas e vídeos (10, representando 37%) e os do EM afirmaram que o que facilitaria este aprendizado seria trabalhar com músicas pop internacionais, filmes, vídeos e aplicativos.

Todos os docentes são licenciados em Letras. A grande maioria (9, correspondendo a 90%) com habilitação em Inglês. 01 sujeito possui Graduação em Letras com habilitação em Português, mas possui um curso de Inglês no IBEU. Dos 10 professores (06, correspondendo a 60%) são especialistas, sendo 04 deles em Ensino de Língua Inglesa e 01 em Gestão Escolar e 01 em Psicopedagogia. Dos 10 professores (06, correspondendo a 60%) são do sexo feminino e (04, correspondendo a 40%) são do sexo masculino. O mais novo tem 27 anos e o mais velho 49.

Considerando as respostas dos docentes pesquisados observou-se que em sua maioria (05, representando 50%) afirmaram sempre trabalhar proporcionalmente as quatro habilidades da língua inglesa. Assim como também tentam levar materiais diferentes para suas aulas para facilitar o aprendizado. A grande maioria afirmou planejar as atividades em cima das dificuldades percebidas, além de usarem áudios mais acessíveis aos alunos nas atividades de *listening* e aplicando atividades diferenciadas para os alunos com dificuldade afim de saná-las.

6. Considerações Finais

Os achados desse estudo são mais um reforço ao que já é conhecido, mas traz também uma visão esperançosa de que é possível trabalhar proporcionalmente as habilidades de *listening*, *reading*, *speaking* e *writing*. Os docentes pesquisados manifestaram o reconhecimento das limitações existentes na rede pública de ensino, mas ao mesmo tempo afirmaram ser possível desenvolver nos alunos o interesse pelas habilidades comunicativas da língua inglesa, ideia partilhada pela autora deste estudo, pois diante de um bom estímulo qualquer aprendiz pode superar as barreiras e conquistar o que desejar sendo necessário apenas dedicação e estudo.

Destaca-se que todos os professores pesquisados trabalham com a Língua Inglesa desde o início de sua atividade proporcional, em vários tipos de cursos, instituições e modalidades de ensino. Destaca-se que essa variedade de atuação representa um elemento enriquecedor devido à ampla visão, diferentes percepções e estilos, tanto de ensino quanto de aprendizagem o que lhes permite ter um vasto conhecimento sobre esta área de atuação.

Assim eles apontaram os seguintes fatores que podem motivar os alunos a estudar a habilidade de *listening*: Trabalhar esta habilidade em todas as aulas para que se torne um hábito para eles; Trabalhar a compreensão da necessidade do idioma; A existência de um laboratório específico ou um equipamento que os motivassem a escutar mais o inglês; Atividades atreladas a coisas que estão presentes no cotidiano dos alunos, sempre buscando saber quais as zonas de interesse dos mesmos; Sempre levar assuntos, tais como músicas, entrevistas com personalidades famosas, seriados que estejam inseridos na realidade social dos alunos e que estejam na mídia; Promover a exposição de pessoas dialogando em um segundo idioma isso poderia despertar o interesse deles Músicas, filmes etc. e tudo aquilo que seja acessível ao aluno e que ele possa praticar no dia a dia; Atividades que possam relacionar o contexto no qual eles estão inseridos, atividades que possam mostrar na prática algo que eles simpatizem, como por exemplo, a cultura de rua, o hip-hop, grafite. Se for levado uma atividade contextualizada com estes temas para sala de aula de escola pública, a maioria irá gostar porque é algo que está relacionado com a situação de vida deles. Então um áudio que fala da vida do MC “fulano” pode ajudar a prender a atenção do estudante que se identifica com aquele tema; Trabalhar com músicas internacionais de artistas que eles gostem, porém a realidade de gosto musical dos alunos é outra, geralmente *funk*. Poucos são os alunos que conhecem e escutam músicas de artistas internacionais; Demonstrar a importância do domínio da segunda língua, ampliar a visão dos alunos com relação às perspectivas de vida e identificar e trabalhar as dificuldades particularmente.

É imperativo que para que o aprendizado de uma segunda língua aconteça vários fatores estão atrelados e que o mais determinante deles é o interesse em aprender, este é o passo inicial. Esta pesquisa veio reafirmar isto, pois mesmo os sujeitos aqui investigados sendo discentes e docentes da rede pública de ensino ficou evidente pelas respostas deles que há dificuldades sim, mas superáveis. E foi uma grata surpresa as respostas dos alunos ao reconhecer que são os atores deste aprendizado, colocando as principais causas do não aprendizado a falta de interesse pessoal, fator que demonstra que eles enxergam que precisam ser autônomos para conquistar este

aprendizado e que nós professores somos mediadores neste processo. Eles também citaram todas as dificuldades tão citadas na literatura, mas felizmente com uma ênfase menor.

Como já esperado este estudo mostrou que os alunos do EF II encontram maiores dificuldades devido ao pouco vocabulário e gostam bastante de atividades lúdicas, enquanto os do EM já veem a língua como uma abertura para o mundo, seja através do acesso à universidade através do ENEM, seja para o ingresso no mercado de trabalho.

A realização desta pesquisa foi uma experiência muito enriquecedora, pois os docentes pesquisados acrescentaram e muito com suas experiências, ao mesmo tempo que apontaram rumos que podem ser úteis ao ensino-aprendizagem de uma LE. Além da contribuição dos alunos que nos alarga o olhar sobre as dificuldades a serem superadas e nos motivam a buscar estratégias que as reduzam e/ou sanem.

Assim espero que este estudo seja mais um reforço aqueles que já existem no sentido de incentivar cada vez mais o uso das modalidades comunicativas em sala de aula como um recurso que favorece e motiva os alunos a aprender a língua inglesa. E defendo que haja uma maior interdisciplinaridade de modo que as disciplinas sejam realmente pensadas coletivamente para facilitar a absorção de cada um dos conteúdos considerando sempre a realidade dos alunos.

Referências

- [1]. ALBINO, V. **Inglês: dificuldades no processo de aprendizagem.** 2013. Disponível em: <http://portalsatc.com/site/artigos.php?i_conteudo=15771&titulo=Ing1%C3%AAs:%20dificuldades%20no%20processo%20de%20aprendizagem>, acesso em 22 agosto 2016.
- [2]. AZEVEDO, S. M. de. **Dificuldade de aprendizagem requer avaliação especializada.** 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/dificuldade-de-aprendizagem-requer-avaliacao-especializada>>, acesso em 18 de setembro de 2016.
- [3]. BRASIL – **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira/Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF,1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrageira.pdf>. Acesso em 07 de setembro de 2016
- [4]. BELLEBONE, A. B. S. **Qual o Papel da Escola Frente às Dificuldades de Aprendizagem de Seus Alunos?** 1993. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp72.htm>>, acesso em 04 de setembro 2016.
- [5]. CORREIA, L. de M.; MARTINS, A. P. **Dificuldade de Aprendizagem.** 1991. Disponível em: <http://someeducacional.com.br/apz/dificuldade_de_aprendizagem/DificuldadeAprendizagem.pdf>, acesso em 18 de setembro de 2016.
- [6]. DAY, K. C. N.; SAVEDRA, M. M. G. O ensino de línguas estrangeiras no Brasil: Questões de ordem político-linguísticas. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p.560-567, jan./mar. 2015. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2015v12n1p560> Acesso em: 28 jul. 2020.
- [7]. DUARTE, S. de S. COELHO, M. W. S. Dificuldade de aprendizagem na disciplina Língua Inglesa e sua relação com o ambiente familiar no Colégio Estadual São Vicente de Paulo. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 05, Ed. 03, Vol. 02, pp. 159-176. Março de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/disciplina-linguainglesa>
- [8]. FERRARI, M. T.; RUBIM, S. G. **Inglês: volume único – ensino médio.** São Paulo: Scipione. 2000 – (Coleção Novos Tempos)
- [9]. FONSECA, R. B. **O Fazer do Professor de Língua Inglesa: Uma Leitura Fenomenológica,** 2010, 149f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.
- [10]. GUERRA, L.B. **A criança com dificuldades de aprendizagem.** Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.
- [11]. RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: Por uma política prudente e propositiva.** In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (org.) *A geopolítica do inglês.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.p.135-159.
- [12]. SILVA, M. do S. Dificuldades no ensino da oralidade em aulas de língua inglesa. **Revista Fronteira Digital,** Ano II, nº 4, - agosto a dezembro de 2011. ISSN 2236-2991.
- [13]. SILVA, W. C. O. **Dificuldades de aprendizagem: um olhar sobre a metodologia de ensino de língua inglesa na 5ª série matutino da escola estadual Emeliano Ribeiro.** Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2012.
- [14]. SOUSA, C. H. A. de; OLIVEIRA, F. T. C. de; MARTINS, E. S. Ensino de Língua Inglesa e Cultura Digital em Tempos de Pandemia: O Desafio de Superar o Curto Espaço de Tempo Entre o Dito e o Vivido. **Revista Docência e Cibercultura.** Rio de Janeiro v. 4 n.3 p. 141 Set/Dez 2020. ISSN 2594-9004. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2020.53901>.

- [15]. SOUTO, C. R.; RABELO, D. J.; MOTA, M. A. M.; GOMES, R. L. R. O uso de reader no ensino fundamental II: uma proposta para o desenvolvimento da leitura em língua inglesa. **Revista Atlante Cuadernos de Educación y Desarrollo**. Vol. 06. Junho. 2019. ISSN: 1989-4155. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/atlante/2019/06/reader-ensino-fundamental.html>